

RESENHA: Um adolescente no divã do seu monstro

Un adolescente en el divan de su monstruo

A teenager on his monster's divan

Greice Andréa Barbosa Machado, FAMAQUI, contato@greicemachado.com.br

Patricia Rutsatz, FAMAQUI, patriciarutsatz@gmail.com

Resenha de:

HERMIDA, S. (produtora), & BAYONA, J. (diretor). (2016) *Sete Minutos depois da Meia-Noite (A Monster Calls)*. [www.netflix.com] Inglaterra-Espanha-Estados Unidos da América. *Focus Features*.

Resumo

O filme “Sete Minutos depois da Meia-noite”, cujo nome original é *A Monster Calls*, é baseado no romance homônimo de Patrick Ness. Produzido por Sandra Hermida e dirigido por J.A. Bayona. O filme trata da experiência de um menino de 13 anos chamado Connor, cuja mãe está gravemente doente com câncer. Connor é muito só, mora somente com a mãe, não tem amigos na escola e sofre *bullying*. O pai vive em outro país e, a avó materna, que seria a referência familiar mais próxima geograficamente, mantém uma relação muito distanciada e de pouco diálogo com o neto.

Fica claro no filme que Connor já convive com a doença da mãe há muito tempo. É habituado às tarefas domésticas e responsabiliza-se quase que exclusivamente por elas. Ainda assim, a mãe, mesmo debilitada, mostra-se muito afetiva e disposta a ser o seu porto seguro emocional. A mãe tem dotes artísticos e o estimula a desenhar e a se expressar artisticamente.

Durante todo o filme, Connor tem um pesadelo frequente. Nele, estão ele e a mãe, e então, abre-se um abismo sob seus pés, onde a mãe está prestes a cair. Ele a segura pela mão, mas ela acaba se soltando e é quando Connor acorda.

Numa determinada noite, exatamente sete minutos após a meia-noite, uma árvore, um teixo, que Connor vê pela sua janela se transforma em um monstro. Esse monstro diz ao menino que foi chamado por ele, e que veio para curar. Diz-lhe que lhe contará 3 histórias e que a quarta deverá ser contada por Connor, e esta última deverá ser a verdade sobre si.

Ao longo do filme, o monstro retorna no mesmo horário – sete minutos após a meia-noite – e também em outros momentos, por exemplo, quando Connor revida o *bullying* sofrido na escola com extrema violência; ou quando destrói toda a sala de estar da casa da avó. Depois destas situações, Connor sempre pergunta aos diferentes personagens: “Você não vai me punir?” E realmente nunca é punido, possivelmente porque todos entendem que já está passando por algo muito doloroso, que é enfrentar a iminente morte da mãe.

O monstro, conforme prometeu, conta histórias a Connor ao longo da narrativa. Todas elas deixam Connor de certa forma confuso, pois seus personagens são capazes de realizar maldades, e ao mesmo tempo, de realizar belos feitos.

Já chegando ao final do filme, conforme havia anunciado no início, o monstro solicita a Connor que conte a quarta história, que é aquela que será a sua verdade. O monstro coloca-o na cena do seu pesadelo, onde a mãe está prestes a cair no abismo. A revelação dolorosa que Connor faz ao monstro é que é ele quem solta deliberadamente a mão da mãe. Conta isso com enorme pesar e pede que o monstro o puna. No entanto, o monstro o acolhe e valida seus sentimentos. Connor parece aliviar-se da culpa e, sentindo-se muito cansado, aconchega-se e descansa em seu monstro, que lhe afaga de maneira amorosa.

O monstro o acompanha até os momentos finais com a mãe, quando, nas palavras do próprio monstro, Connor pôde finalmente soltá-la, justamente por tê-la abraçado com força. O monstro permanece ao lado dele todo o tempo, e fica claro que sua mãe também pode vê-lo, apesar de não demonstrar para Connor.

Após a morte da mãe, Connor passa a viver com a avó materna, de quem parece se sentir mais próximo ao final. Seu quarto na casa da avó é o antigo quarto de sua mãe. Nele estão desenhos de sua mãe, de quando ela era criança. E nestes já estava presente o monstro.

Análise

A obra “Sete Minutos Depois da Meia-Noite” aborda de maneira autêntica importantes questões da fantasia infanto juvenil relativas ao sofrimento psíquico. O personagem central da trama é Connor, um menino que está vivendo o início de sua adolescência, fase do ciclo vital do desenvolvimento marcada pela administração de diversas demandas, ao mesmo tempo que sua mãe está na iminência de morrer.

Com o propósito de contemplar o sofrimento psíquico infanto-juvenil posto em jogo a partir da fantasia, traçamos alguns paralelos entre elementos significativos do filme e uma leitura psicanalítica possível desses aspectos. O monstro, por exemplo, representa uma parte de Connor, uma parte ainda não aceita, não integrada. Podemos relacioná-lo ao conceito de **Id** proposto por Freud, por sua característica indomável. O conceito de **Id** integra a personalidade, juntamente, segundo Freud, com Ego e Superego. Se o monstro manifesta o **Id** de Connor, ou seja, o âmago primitivo e inconsciente de sua personalidade, o **Ego** é aquele que toma decisões, e está em contato com a realidade, no caso do filme, extremamente penosa. Já o **Superego**, que representa os aspectos morais e ideais, é a parte de sua personalidade que o assola, que o pune frequentemente. A complexidade do personagem perpassa **Conflitos Psíquicos** entre seu **Id** (onde mora seu desejo inconsciente) e seu Superego (padrões morais). O **Desejo Inconsciente** de Connor a partir da narrativa do filme é de que efetivamente a mãe morra, já que viver na iminência de sua morte se tornou angustiante demais. No entanto, desejar a morte da mãe é algo para ele inaceitável, e se viesse para a consciência lhe traria grande angústia. Por isso, inicialmente na trama, essa sua verdade permanece para ele inconsciente.

O sofrimento psíquico de Connor é evidenciado por várias condutas ao longo do filme. Podemos pensar as condutas como expressão de seu sintoma psíquico. O **Sintoma**, como conceito psicanalítico, é compreendido como algo a ser desvendado e não esbatido simplesmente. Sendo assim, olhar para o sintoma de Connor nos permite vislumbrar o que não lhe está sendo possível elaborar pela via da palavra. Em determinado momento, Connor tem descontrole de impulso, quebra toda a sala de estar da avó. Em outro, bate no colega que era o seu *buller*, mas de forma a mandá-lo para o hospital. Os atos que externaliza representam na verdade o que se passa em seu mundo interno, a dor que Connor ainda não é capaz de exprimir em palavras. Depois destas ações, sempre pergunta, “Você não vai me punir?” – ao que lhe é respondido por terceiros “De que adiantaria?”. Ao parecer, esses terceiros desconsideram seus atos em razão da grave situação familiar que vivencia.

Apesar de Connor já ser um adolescente de 13 anos, há falha em um dos principais marcadores da adolescência: a identificação com os pares em contraposição à identificação com os pais. Provavelmente a condição de doente da mãe dificulta para Connor essa separação necessária com ela para que possa viver

plenamente sua adolescência. Talvez por isso utilize fortemente a fantasia, um recurso mais infantil, para exprimir conteúdos psíquicos tão relevantes. De qualquer maneira, independente da fase da vida, a fantasia: “(..) é o *nosso combustível interno. Desde o nascimento, para que possamos sobreviver psiquicamente, criamos fantasias para dominar nossas angústias e realizar nossos desejos.*” (Radino, 2003 *apud* LEMOS e SILVA, 2012, p. 11).

Na parte final do filme somos brindados com uma impactante cena, em que Connor, tendo já ressignificado seu conflito psíquico, abraça a mãe em seu leito de morte. Neste momento, se evidencia certa cumplicidade entre sua mãe e o monstro. O fato de a mãe de Connor conseguir ver o monstro ao final da trama nos leva a pensar que ela era ciente do conflito que o filho enfrentava. E a aparição do monstro nos desenhos infantis dela sugere que também ela própria enfrentou seus conflitos utilizando-se do recurso da fantasia e da expressão artística. Talvez por isso, era para ela tão importante instrumentalizar Connor com tais ferramentas. Essa passagem do filme denota a sensibilidade do autor em retratar tanto sofrimento com toques de empatia.

O personagem do monstro, que antes relacionamos com o *Id* de Freud, parece ter uma dupla função de representação. Ele, ao mesmo tempo, acompanha Connor como um terapeuta, conduzindo-o até encontrar a sua própria verdade. Na função de terapeuta, o monstro o auxilia a se defrontar com seu conflito psíquico. Todas as histórias contadas pelo monstro a Connor tem personagens complexos, que são, ao mesmo tempo, bons e maus. Fazem boas e más ações. Connor tem muita dificuldade de compreender tais personagens em função de seu próprio conflito psíquico, que supõe uma ambivalência.

Após ouvir as três histórias contadas pelo monstro, este lhe solicita que conte a quarta história, que será a sua verdade. Quando o monstro o coloca na cena do pesadelo, é quando Connor expressa seu desejo inconsciente. A revelação que Connor faz ao monstro, de que na verdade, é ele quem solta a mãe, faz com que ele se torne consciente de seu desejo, pois já não aguentava mais segurá-la. De acordo com GARCIA-ROZA, 2004 In: MACHADO e POLI, 2009, a palavra é o que opera a transmissão do desejo. Em termos psicanalíticos o que importa não é sua função de informação, e sim a sua função de verdade.

Portanto, o monstro, suas histórias, os pesadelos – todos esses aspectos representam conteúdos inconscientes de Connor, e demonstram a ambivalência que existe nele mesmo, já que é capaz de amar profundamente a mãe, e ao mesmo tempo, desejar sua morte. Porém a informação que emerge no seu sonho, só ganhará a função de verdade quando o próprio Connor puder reconhecer a verdade (dolorosa) sobre si, contando ele mesmo a quarta história, conforme solicitado pelo seu monstro terapeuta.

Conclusão

Através desta obra, é possível vislumbrar algumas das formas através das quais o sofrimento é enfrentado pelo mundo interno adolescente. Dessa maneira, o autor consegue aprofundar aspectos tão difíceis de uma maneira afetiva. A expressão da fantasia permite viver os desejos, medos e angústias e, a partir das histórias fantasmáticas, torna possível encontrar soluções simbólicas para os conflitos internos e as mazelas da vida. Essa temática que perpassa o filme, o torna interessante, sensível e extremamente complexo.

Referências

- LEMOS, A & SILVA, N.C.G. *A função terapêutica da arte de contar histórias*. Revista Intersemiose. Ano I. Vol. I. 1. jan-jul 2012. Disponível em: <http://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2012/06/01.pdf>
- MACHADO, R. Lisbôa e POLI, M.C. *A criança e seu Entorno: Pesquisando a Obesidade na Infância*. Revista de Psicologia da IMED, vol.1, n.2, p. 169-179, 2009.

Greice Machado é acadêmica de Psicologia na Faculdade Mário Quintana. Tem graduação em Serviço Social pela ULBRA e é Mestre em Intervenção Social com Indivíduos, Famílias e Grupos pela *Universidad Pública de Navarra* (Espanha). Tem Especialização em Intervenção Social em Saúde Mental pela *Universitat Rovira i Virgili* (Espanha) e em Saúde Mental Pública pelo Ministério da Saúde. É Consteladora Familiar pelo IDESV de Belo Horizonte. Trabalha na rede pública de

Saúde Mental de Porto Alegre, ministra cursos e atende em consultório privado como Consteladora Sistêmica.

E-mail: contato@greicemachado.com.br

Patricia Rutsatz, possui graduação pela PUCRS. Mestre em Psicologia clínica pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUCRS. É psicanalista, membro efetivo do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Docente de Psicologia da Faculdade Mario Quintana e trabalha o em clínica psicanalítica privada.

E-mail: patriciarutsatz@gmail.com